

AEDES IANUS GEMINUS: DEBATES SOBRE HISTORICIDADE, LITERATURA E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS EM TORNO DE UM MONUMENTO NA ROMA ANTIGA

AEDES IANUS GEMINUS: DEBATES ON HISTORICITY, LITERATURE, AND MEMORY CONSTRUCTION OF AN ANCIENT ROMAN MONUMENT

Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires *
thiagokpires@gmail.com

RESUMO: Este estudo examina os dados literários e imagéticos relativos a um dos templos mais antigos do Fórum Romano: a *Aedes Ianus Geminus*. Devido à completa ausência de vestígios materiais sobreviventes dessa construção, as descrições literárias emergem como vetores essenciais para a projeção contemporânea de como este monumento era na Antiguidade e, adicionalmente, para a compreensão das modificações sofridas pelo edifício ao longo da história romana. Com esse objetivo, inicialmente foram expostos temas em torno da literatura latina e da erudição, bem como a maneira pela qual esses escritores compuseram memórias para determinados espaços. Em seguida, foram coletados dados sobre a natureza estrutural dessa edícula, sua historicidade e as transformações impostas pelos sucessivos séculos. Por fim, foi analisado como a literatura latina, especialmente o poeta Ovídio, utilizou dados topográficos da Roma arcaica para construir mitos etiológicos referentes a este templo.

PALAVRAS-CHAVE: *Aedes Ianus Geminus*; Fórum Romano; Roma antiga.

ABSTRACT: This study examines the literary and imagistic data related to one of the oldest temples in the Roman Forum: the *Aedes Ianus Geminus*. Due to the complete absence of surviving material remains of this construction, literary and textual descriptions emerge as essential vectors for the contemporary projection of what this monument was like in antiquity, and additionally, for understanding the modifications the building underwent throughout Roman history. With this objective, the initial focus was on the debates surrounding Latin literature and scholarship, as well as how these writers composed memories for specific spaces. Subsequently, data was gathered on the structural nature of this edicule, its historicity, and the transformations imposed over successive centuries. Finally, the analysis focused on how Latin literature, especially the poet Ovid, used topographical data from archaic Rome to construct etiological myths concerning this temple.

KEYWORDS: *Aedes Ianus Geminus*; Roman Forum; Ancient Rome.

Ao nos debruçarmos sobre os processos de construções de memórias nas sociedades antigas, precisamos nos afastar de percepções modernas de cunho taxativo ou definitivo acerca das narrativas históricas e religiosas de determinados pontos topográficos. Parte desse processo de incerteza não é apenas contemporâneo, devido ao caráter fragmentado da

* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Arqueologia pela Universidade do Minho. Professor de Centro Universitário Celso Lisboa, Tutor a distância em História antiga do CEDERJ-Unirio, professor da SEEDUC-RJ, Professor externo do PPGH/UFF.

documentação sobrevivente, mas também na Antiguidade esse tipo de conhecimento era segmentado em diversos tipos de fontes e passível de múltiplas interpretações.

Contar a história dos monumentos requer envolvimento com evidências que são tudo menos visual, ou seja, na maioria são fontes literárias (algumas fragmentárias, algumas difíceis de interpretar) e abordando problemas complexos de topografia histórica, mas também requer uma consciência fundamental de que o envolvimento com os restos materiais do passado distante desempenhou um papel na formação das maneiras com as quais os romanos se aproximaram e procuraram reconstruir os acontecimentos desse passado. (Morcillo, Richardson & Santangelo, 2016, p. 17)

Enquanto na contemporaneidade o acesso ao passado se dá sobretudo através do consumo de mídias escritas, as memórias na Roma antiga também poderiam ser absorvidas e interpretadas através do caminhar pelo espaço e pela observação de monumentos. A paisagem, o espaço, as imagens e as narrativas atreladas a esses faziam parte de um complexo sistema simbólico que internalizava e forjava uma identidade romana idealizada. Diane Favro (1996, p. 10) advoga que os romanos acreditavam que certos lugares possuíam características e relatos míticos próprios, específicos, e que essas marcavam o sentimento religioso que permeava aquele local, os *genii locorum*. Assim, a grade urbana de Roma funcionava como um grande livro: os pedestres e contempladores em Roma poderiam ‘experienciar’ os diversos *monumenta* sobre episódios valorosos do passado e como esses ofereciam uma viagem a uma temporalidade mítica, uma ruptura temporal com o presente.

O período que compreende a república tardia (II A.E.C. a 27 A.E.C.) e o Principado augustano (27 A.E.C. a 14 E.C.) foi frutífero na formação de ‘palcos de paisagens’, nos quais os mitos, narrativas e etiologias resgatavam um passado ‘esquecido’ pelos romanos e sacralizavam esses locais (Beltrão, 2014, p. 92). Embora qualificado como ‘resgate’, é importante salientar que não havia uma matriz de memórias prontas para serem redescobertas ou resgatadas, mas uma série de exercícios especulativos e meditativos sobre determinados pontos topográficos (Haselberger, 2007, p. 250). Nesse cenário intelectual de recuperação de memórias e de combate ao esquecimento, os antiquários desempenharam um papel fundamental. Claudia Moatti define os antiquários da seguinte forma:

Seu assunto principal objeto de estudo era o passado, embora a sua abordagem a essa questão fosse reflexiva: o que é denominado de *antiquitates* não era o passado real, mas o resultado de uma abordagem erudita dos *mores*, das “tradições”, das “coisas humanas e divinas” (*res humanae et divinae*), que diziam respeito à cidade. Essa erudição era dupla:

certamente consistia em recolher detalhes, mas era também um método para autenticar, criticar, selecionar, sistematizar, organizar, classificar e definir. (Moatti, 2021, p. 23)

Moatti (2021, p. 8) argumenta que os relatos sobre o passado produzidos pelos antiquários não representavam 'o' passado, mas sim conjecturas criativas baseadas em fragmentos de memória disseminados pela cidade, seja de forma material, imagética, espacial, oral ou literária. Os dispositivos de memória, assim, não se restringiam ao mundo da cultura escrita, mas faziam parte de um amplo espectro de possibilidades de interpretação e de leitura disseminadas pela cidade.

O presente artigo ambiciona analisar como determinados escritores romanos configuraram, especulararam e criaram mitos etiológicos para um dos mais antigos templos do Fórum romano: a *Aedes Ianus Geminus*.¹ O intento é discutir como mesmo com a total ausência de vestígios de cultura material do monumento, é possível hoje averiguarmos como os literários latinos utilizaram as memórias topográficas, as características do terreno e a própria estrutura edicular para compor narrativas sobre esse templo e denotar sua importância no cenário religioso tradicional romano. Ademais, essa mesma literatura fomenta dúvidas sobre a historicidade estática estrutural do monumento: a *Aedes Ianus Geminus* atravessou séculos e a documentação escrita evidencia sucessivas mudanças arquitetônicas.

Aedes Ianus Geminus: prospecção da estrutura do santuário e suas características

As dificuldades ao tentarmos reconstruir os detalhes dessa pequena edificação hoje não se limitam à não sobrevivência de quaisquer vestígios materiais, mas abrangem a falta de precisão de definição na documentação literária da Antiguidade sobre o monumento. Segundo Varrão, essa estrutura era apenas um arco:

O terceiro [portal] é a Janicular, assim chamada a partir de Jano, e por esse motivo ali foi colocada uma estátua de Jano instituída por Pompílio e, como escrito nos Anais de Pisão, o portal deve estar sempre aberto, exceto quando não há guerra em nenhuma parte. (Var. *Ling.* 5.34)²

Na passagem acima, a construção é definida no original latino como uma *porta*. Contudo, essa mesma definição se confunde com o seu adjetivo *lanualis* (de Jano), pois essa palavra deriva de *Ianus*: essas eram as passagens públicas, os arcos de acesso (com portas ou

¹ O templo também poderia ser chamado de *Ianus Quirinus*. Aqui utilizarei apenas o cognome *Geminus* para evitar equívocos.

² Tradução própria do original latino.

não) (Cic. *Nat. D.* 2.67; Sánchez, 2000, p. 228). Logo, Varrão estabelece que a *Aedes Ianus Geminus* era composta por uma porta arcada que dava acesso a um recinto que abrigava a estátua do deus Jano. Já Sêrvio irá caracterizar o santuário da seguinte forma:

Existem duas portas geminadas da guerra, isto é, as portas da guerra que Numa Pompílio construiu perto do final do *Argiletum*, próximo ao teatro de Marcelo. Essas estavam em dois templos muito pequenos: contudo, os dois relacionados a Jano bifronte. Mais tarde, após a captura de *Falerii*, uma cidade etrusca, foi encontrado um simulacro de Jano (...). (*Serv. Aen.* 7.607)³

Sêrvio também descreveu a *Aedes* ressaltando seu principal atributo: a porta (no original latino), mas as coloca no plural qualificando-as como gêmeas (*geminæ belli portæ*). O autor define que ambas, antes, faziam parte de dois diminutos templos (*duobus brevissimis templis*). Varrão e Sêrvio foram escritores latinos e fizeram parte do que no presente denominamos como ‘literatura latina’, mas é preciso ressaltar o lapso temporal entre os autores e a pretensa fundação do templo por Numa. Sêrvio escreveu no IV século de nossa era, mas o templo teria sido fundado por Numa Pompílio (séc. VIII A.E.C.), há uma grande lacuna de aproximadamente doze séculos. A descrição mais precisa e pormenorizada sobre o templo que temos, contudo, é igualmente tardia.

Naquela época, alguns romanos tentaram secretamente abrir à força as portas do templo de Jano. Esse Jano foi o primeiro dos deuses antigos, (...) E ele tem o seu templo naquela parte do fórum em frente ao Senado (...) o templo é inteiramente de bronze e foi erguido em forma de quadrado, mas só é grande o suficiente para cobrir a estátua de Jano. Ora, essa estátua é de bronze e não tem menos de cinco côvados de altura⁴; em todos os outros aspectos, assemelha-se a um homem, mas sua cabeça tem duas faces, uma das quais voltada para o leste e a outra para o oeste. (*Procop. Goth.* V 25.21)⁵

Com base na passagem acima, e em algumas representações em moedas da época de Nero, os especialistas descrevem uma pequena estrutura quadrada com duas longas paredes de alvenaria de silhar, essas possuíam compridas janelas gradeadas. Não existe consenso se o monumento teria um teto ou não, pois esse pode ser caracterizado como um *sacellum* (*Ov. Fast.* I, 275) e Festo descreve um *sacellum* como um “local sem teto dedicado aos deuses” (*Fest.* 422 L: *loca dis sacrata sine tecto*). As representações numismáticas sobre o templo exibem portas duplas em arco, em uma das extremidades, flanqueadas por colunas. Estima-se que, embora oculto nas imagens, o lado oposto do santuário também tivesse um conjunto

³ Tradução própria do original latino.

⁴ Se considerarmos um côvado com aproximadamente 50 centímetros, a estátua tinha 2,50 metros.

⁵ Tradução própria do inglês.

semelhante de portas duplas (O'keefe, 2014, p. 11). Decorando a parte superior externa do edifício havia um friso com decoração em volutas e outro com palmetas. Procópio advoga que o santuário era feito de bronze, mas provavelmente se referiu ao interior decorado com eventuais placas de bronze, pois as moedas apresentam silhares no exterior e existiam outros exemplos de santuários antigos com decoração interior similar (Müller, 1943, p. 439).

Figura 1 – Sestércio neroriano com a representação oblíqua da *Aedes Ianus Geminus*.



Fonte: Tortorici (1996, p. 416)

Figura 2 - *Aureus* neroniano com uma representação frontal da *Aedes Ianus Geminus*.



Fonte: Taylor (2000, p. 5)

Com essas informações postas, com base na documentação literária e numismática, podemos esboçar com certa precisão as características desse monumento na Antiguidade. No entanto, há a necessidade de assumirmos possíveis mudanças estéticas e sucessivas reformas ao longo dos séculos: aquilo descrito pelos escritores tardios é a forma final do templo e não sua versão original. Edoardo Tortorici (1996, p. 92) afirma que o santuário de *Ianus Geminus* sofreu muitas restaurações ao longo do tempo, mantendo ainda assim a forma da planta quadrada e a posição original, da idade arcaica até o século VI E.C.. Na época augustana, o templo parece já ter adquirido a configuração eternizada por Procópio: Virgílio, ao descrever a deflagração de guerra entre os latinos e os troianos, cria uma projeção anacrônica do santuário a uma temporalidade mítica.

Assim que se iniciam as disputas de Marte (...): há as gêmeas portas da Guerra (assim são chamadas), consagradas pela religião e pelo temor ao cruel Marte; cem trancas de bronze a fecham, e barras de ferro indestrutíveis, e o guardião Jano não lhes deixa o limiar. (Verg. *Aen.* 7.601-610)⁶

É sintomático como Virgílio descreveu alguns importantes detalhes do templo que já foram explorados neste artigo: as portas geminadas, a decoração em bronze e as barras de ferro (janelas). Essas características apontam que a edícula se encontrava com essas propriedades na época augustana, época em que Virgílio compôs a Eneida. Contudo, entre a suposta fundação da *Aedes* por Numa Pompílio (séc. VIII A.E.C.) e a época de Virgílio existe um intervalo de aproximadamente 700 anos e a documentação literária indica que o santuário não surgiu em sua forma definitiva.

A literatura latina e a Aedes Ianus Geminus: Narrativas etiológicas e a topografia urbana de Roma

Retornemos à fala de Procópio (*Goth.* V 25.21). Jano era um dos deuses mais antigos do panteão romano e a tradição literária atribui a Rômulo o ato de inseri-lo na cidade.

Rômulo estabeleceu para os romanos deuses como Jano, Júpiter, Marte, Pico, Fauno, Tiberino e Hércules. Tito Tácio adicionou Saturno, Ops, Luna, Vulcano, Lux... Cloacina. Numa adicionou tanto divindades masculinas como femininas. Durante o reinado de Numa, a religião dos romanos ainda não era composta de imagens ou templos, mas sim uma piedade de parcimônia, de ritos pobres, sem o esplendor do Capitólio, de vasos de grama e samianos. (Tert. *Apol.* 25.12)⁷

Conforme apontado por Tertuliano, foi creditado a Rômulo a adição de Jano ao quadro religioso, mas foi Numa Pompílio quem estabeleceu os ritos. Contudo, existe uma contradição nos relatos: enquanto Tertuliano afirma que não havia imagens de culto na época de Numa, em outro fragmento já citado, Varrão (*Ling.* 5.34) defende que foi esse o rei a depositar a estátua ali. Como debatido no início deste texto, não devemos esperar uma resposta conclusiva acerca dessa questão, pois essa especulação fez parte do ambiente de discussão de erudição de fins da república e início do Principado. É importante frisar a frequente associação da figura de Numa Pompílio com Jano, um tópico trabalhado pelos escritores para

⁶ Tradução de Luís Cerqueira, Cristina Guerreiro e Ana Alves do original latino.

⁷ Tradução própria do inglês conforme estabelecido em Rüpke (2014, p. 92)

projetar o culto a esse deus a uma temporalidade arcaica de parcimônia e de correta adoração, a um passado idílico exemplar.

Quando, desta maneira, obtive a realeza, ele [Numa] se preparou para dar à nova cidade, fundada pela força das armas, uma nova fundação nos direitos, leis e nos costumes. E, percebendo que os homens não poderiam se habituar a essas coisas quando em guerra, já que a guerra torna os ânimos ferozes, ele pensou em mitigar o povo feroz pelo desuso das armas e construiu o templo de Jano, no fundo do Argileto, como um sinal de paz e guerra. (Liv. 1.19)⁸

Essas narrativas, que conectam o rei à divindade biface, por si só, são memórias etiológicas que explicam a fundação da *Aedes Ianus Geminus*, mas, como advogado no início do artigo, o Principado augustano foi um período propício para formulações criativas de prospecção a um passado pretensamente esquecido. Nos *Fastos*, o poeta Ovídio entrevista diretamente o deus Jano e lhe pergunta sobre a origem de seu templo:

“Por que entre tantos arcos, num só te cultuam,
naquele que está perto dos dois fóruns?”
Ele, co’a mão confiando a barba sobre o peito,
logo contou do Ebálio Tácio as guerras,
e como a infiel guardiã, seduzida por joias,
aos sabinos franqueou a cidadela.
“Então, como hoje, havia”, diz, “uma ladeira
pela qual se descia ao vale e às praças.
Tocava já o inimigo a porta, que a Satúrnica
as travas, invejosa, destravara.
Como temi lutar contra tão grande nume,
esperto, eu empreendi as minhas artes.
Abri as fontes, sobre as quais tenho poder,
e repentinas águas esguichei.
Juntei antes, porém, enxofre à correnteza,
p’ra fervura fechar de Tácio o rumo.
Surtiu efeito: rechaçaram-se os sabinos
e, seguro o local, refez-se o sítio.
Nu’a pequena capela a minha ara foi posta,
em que se queima o farro nas suas chamas”. (Ov. Fast. 1.256-276)⁹

⁸ Tradução própria do original latino.

⁹ Traduzido do latim por Márcio M. Junior.

O fragmento acima é elucidativo porque fornece indícios de interpretação para duas problemáticas levantadas nesta pesquisa: a evolução da estrutura de um arco para uma edícula e a importância de Jano na configuração espacial do centro da cidade. O poeta pergunta ao deus: porque dentre os numerosos arcos (*iani*) do Fórum em apenas um havia o culto? A divindade explica a razão e diz que, em agradecimentos aos seus atos, os romanos ali construíram uma capela (*sacello*) em sua honra, uma ara foi posta. Desse modo, o próprio escritor esclarece como essa não foi uma construção que permaneceu incólume com o passar do tempo: em decorrência das guerras contra os sabinos, os arcos foram ampliados da sua forma primitiva para uma pequena edícula. Assim, existem duas narrativas etiológicas para a *Aedes Ianus Geminus*. A primeira está conectada ao segundo rei de Roma, Numa Pompílio, que estabeleceu o local de culto para promover a paz entre os romanos (“mitigar o povo feroz pelo desuso das armas” - Liv. 1.19). A segunda narrativa está ligada à transformação do templo: a construção da capela e ao estabelecimento da ara. No último fragmento citado, Jano narra que foi testemunha da invasão dos sabinos à cidade de Roma (VIII A.E.C.): o rei inimigo Tito Tácio subornou a romana Tarpéia (“a infiel guardiã, seduzida por joias”) e a deusa Juno (Satúrnia) abriu os portões da urbe. Em vigília e alerta da ameaça, Jano interveio abrindo fontes próximas ao seu templo, as águas ferventes impediram o avanço dos sabinos e os forçaram a recuar. Como resultado, em sinal pela gratidão da intervenção divina, uma pequena capela foi erguida em sua honra, onde oferendas eram feitas, incluindo a queima de grãos de farro. Essa versão, que liga o assalto sabino à defesa de Jano, é detectada somente em Ovídio e em mais nenhum escritor. No entanto, os escritores não esperavam oferecer versões acabadas ou definitivas sobre determinados eventos, o mesmo autor nas *Metamorfoses* nos oferece outra narrativa.

Contudo foi-se às Náíades Ausônias,
que manavam corrente junto ao Templo
de Jano, e lhes pediu pronto socorro.
Como justos, aos rogos atenderam
de Citeréia as Ninfas: desataram
da Fonte as prisões todas, e abundante
rio correr fizeram; que em tais tempos
águas inda as entradas não fechavam
para o Templo de Jano. As veias todas

da Fonte encheram de betume, e enxofre
Acendendo um licor, que era antes gelo,
Em férvidos calores. Fumegavam
Banhados da corrente os postes ambos,
que aos Sabinos debalde abertos foram,
fechando-os nova fonte. Ao Márcio Povo
o rio tempo deu a tomar armas
sendo Rômulo o chefe, que o mandava.
Apresentou batalha; viu-se Roma
alastrada de corpos de sabinos,
e não menos dos seus: ímpias espadas
do genro, e sogro o sangue misturavam. (Ov. *Met.*, 14.785-802)¹⁰

Nessa segunda versão, Ovídio retoma o tema das invasões sabinas a Roma, mas aqui Jano não tem papel de agência, não toma a iniciativa. O poeta relata que havia um conjunto de náíades que habitavam alguma estância hídrica próximo ao templo de Jano (que já existia nessa época em contradição ao relato anterior). Ao notar a proximidade do ataque sabino, Vênus (Citeréia) pede ajuda a essas ninfas e estas rompem as contenções hídricas próximas/no templo de Jano. O resultado final é o mesmo do fragmento anterior: um rio de águas com enxofre nasce temporariamente no coração de Roma e a correnteza elimina tanto romanos como sabinos (genro e sogro).

Nas últimas duas narrativas expostas, Ovídio funde de forma íntima memórias sobre a invasão sabina, a traição de Tarpéia (a guardiã da cidadela) e a fundação (ou já existência) da *Aedes Ianus Geminus*. Na primeira, Ovídio apresenta o conflito nos moldes de uma epopéia, um embate entre deuses: Juno como agressora, apoiando os sabinos, e Jano como pacificador-defensor. No segundo relato, Jano não desempenha qualquer papel, apenas Vênus e as náíades têm poder de agência, embora seu templo tenha sido utilizado como instrumento de defesa.

Nesse momento, em especial, nos são importantes as referências topográficas mencionadas por Ovídio. “aos sabinos franqueou a cidadela” (*ad summae tacitos duxerit arcis iter*), o poeta se refere a cidadela (*arx*) capitolina, principal ponto de defesa urbana na Roma monárquica e continua: “uma ladeira pela qual se descia ao vale e às praças” (*arduus in valles*

¹⁰ Traduzido do original latino por Aristóteles Predebon.

et fora clivus erat), Jano aqui menciona o *clivus Capitolinus*, que na época augustana era uma estrada de acesso ao Capitólio, mas que na época arcaica deveria ser apenas um caminho (se existisse).¹¹ O poeta, através dos lábios de Jano, traça um trajeto de invasão. Primeiro, os sabinos entram na cidadela capitolina, com a ajuda de Tarpéia, esse é o ponto de partida. Em seguida, eles descem pela estrada entre os cumes do Capitólio até chegar ao fim da estrada que conduz ao Argileto, próximo ao centro do Fórum romano. Essa descrição pode parecer um preciosismo, mas não o é, pois nos auxilia hoje a estabelecer com precisão o local de estabelecimento do templo e como Ovídio se utilizou de características do relevo da Roma arcaica na confecção de memórias em torno do santuário.

Sobre os arredores da *Aedes*, Varrão nos esclarece que:

Acima da *Graecostasis*, onde o Templo da Concórdia e a Basílica Opímia estão, estava o *Senaculum*. Era chamado [assim] o lugar onde o senado ou os *seniores* (os mais velhos) se reuniam, chamada de γερουσία (gerousía) entre gregos. *Lautolae* de *lavare* (lavar), porque ali, próximo ao *lanus Geminus*, havia uma fonte termal. Dessa fonte se fez o charco no *Velabrum* Menor, a partir do qual se deu o nome de *Velabrum*, porque se chegava (*vehebantur*) até lá com canoas, como aquele de que já se falou anteriormente. (Var. Ling. 5.32)¹²

Com os dados topográficos acima levantados, os especialistas da base de dados *Digital Augustan Rome* estabeleceram a *Aedes Ianus Geminus* no centro do Fórum romano, na vizinhança de outras edificações nobres. O santuário de Jano estava inserido em um prestigiado espaço de memória: adjacente à Cúria, entre a Basílica Emília e o Argileto. No entanto, é significativo como nas narrativas ovidianas, a despeito da agência de Jano, o elemento aquático teve predominância em ambas. Varrão descreveu uma Roma arcaica, ainda não totalmente urbanizada, e citou características naturais e topográficas que já não existiam na República tardia (o *Senaculum* e o *Velabrum*). Em meio a essas descrições, o escritor situa o santuário de Jano em proximidade com uma fonte termal e ao *Velabrum*. Esses índices são importantes porque auxiliam a interpretar as qualidades hídricas do Fórum romano primitivo: o *Velabrum* foi uma área pantanosa extensa que foi gradualmente sendo encolhido, em extensão e profundidade, até ser drenado na fase monárquica (Ammerman, 1999, p. 102).

¹¹ O Capitólio tinha dois cumes, um ocupado pela *arx* e outro dominado por estruturas religiosas, por isso a menção ao 'vale' entre esses.

¹² Tradução própria do original latino.

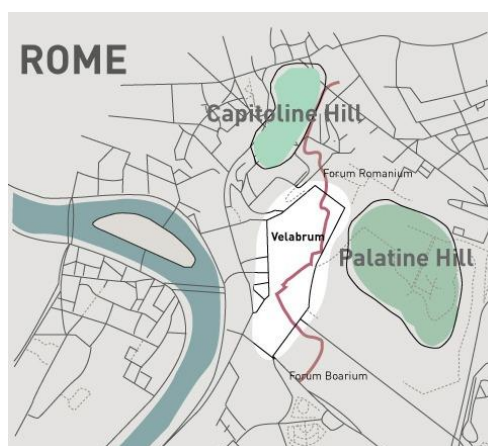
Figura 3 - Mapa dos arredores do Fórum romano adaptado da base de dados Digital Augustan Rome. O ponto 146 (estrela azul) representa o templo de Jano Gêmeos, em proximidade com a Arx capitolina, o Capitólio e a estrada que conduz ao Argileto



Fonte: Extraído e adaptado de <http://digitalaugustanrome.org/> em 01/01/2024.

Sobre o santuário de Jano, Varrão não deixa claro se a estrutura já existia na temporalidade do *Velabrum* ou se o autor se refere a *Aedes* republicana. É importante salientar, contudo, como Ovídio se utilizou de narrativas de memória sobre o ataque dos sabinos e da abundância hídrica em torno do Capitólio para aprofundar as especulações em relação a Jano, correlação até então não explorada por outros escritores. Essas narrativas não são uma trivial criação literária: caso utilizemos a descrição geográfica de Varrão e acreditemos na fatura de águas daquele local, não é impossível crer que em algum momento da história romana alguma barragem tenha se rompido e as águas tenham inundado as redondezas.

Figura 4 - Mapa adaptado da área do antigo Velabrum, em proximidade com a colina palatina e capitolina.



Fonte: Extraído e adaptado de <https://www.flickr.com/photos/italiadesign/4159306138/in/photostream/> em 01/01/2024.

Difícilmente o fenômeno ocorreu no momento exato do ataque sabino, mas isso não é um problema para a criatividade de um escritor, basta realocar temporalmente o evento. Em todo caso, não é impossível imaginar que alguma fonte termal dessa região e uma eventual ruptura de barragem tenham marcado a memória popular romana, fomentando uma espécie de trauma comunal. Ovídio, situado no Principado, colheu as pistas disponíveis para criar a narrativa descrita. Trata-se de uma especulação moderna, nunca teremos respostas concretas. Contudo, a credibilidade e o sucesso da narrativa dos poetas, em geral, dependiam de fatos já ‘conhecidos’ pela população e por outros doutos; caso Ovídio ousasse muito em invenções, o poeta arriscaria o sucesso de sua escrita.

Conclusões

O subtítulo de conclusão acima está no plural e essa escolha não foi sem intenção. Não é possível ter apenas uma resposta sobre os fenômenos em torno da *Aedes Ianus Geminus*, visto que essa foi uma estrutura que perdurou durante séculos no coração da cidade de Roma. Cada temporalidade terá ‘uma’ *Aedes Ianus Geminus* configurada esteticamente e ideologicamente conforme as necessidades contextuais. Esse texto procurou demonstrar como esse santuário representa um excelente objeto de estudo para compreendermos as manifestações, dinâmicas e vicissitudes próprias do pensamento politeísta romano em uma perspectiva de longa duração. Há uma tendência nas concepções religiosas contemporâneas em procurar respostas taxativas ou absolutas para como determinados costumes ou lugares sagrados surgiram na Antiguidade. O que esse artigo procurou apresentar foi como monumentos, santuários e templos não são estruturas incólumes ao longo dos séculos, mas que sofreram mutações e transformações em seus percursos de existência. Hoje para reconstruímos *Aedes Ianus Geminus* contamos com descrições literárias (e poucas representações imagéticas na numismática) e essas salientam como não houve apenas uma, mas diversas *Aedes Ianus Geminus*. De modo igualmente importante, a própria literatura e os escritores, especialmente Ovídio, destacaram como esse não foi um monumento apartado de seu entorno, mas que as relações topográficas e hídricas foram importantes elementos de construção de memórias sobre o templo e de resgate de um passado pretensamente esquecido. Essas novas leituras não poderiam ser totalmente inventadas, mas calcadas em índices anteriores e na discussão entre eruditos na própria Roma antiga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMERMAN, A. Velabrum. STEINBY, E. *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. Vol. 5. Roma: Edizioni Quasar, 1999.
- BELTRÃO, Claudia. Ager romanus antiquus: a construção de uma 'paisagem religiosa' no principado augustano. *Phoînix* 20-2, p. 91-108. Rio de Janeiro, 2014.
- CÍCERO. *De natura deorum academica*. E. Page, E. Capps, W. Rouse (eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- FAVRO, Diane. *The Urban Image of Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FESTI. *De verborum significatu quae supersunt cum pauli epitomi*. Aemilius T. Ponor (ed.). Budapest: Sumptibus Academiae Litterarum Hungaricae, 1889.
- GREEN, Steven. *Ovid, Fasti 1: a commentary*. Brill, 2017.
- HASELBERGER, L. (ed.). Urbem adornare: die Stadt Rom und ihre Gestaltumwandlung unter Augustus = Rome's Urban Metamorphosis under Augustus. *Journal of Roman Archaeology*. Supplementary Series; n. 64. Portsmouth, 2007.
- HONORATUS, M. Servius. *Commentary on the Aeneid of Vergil*, ed. Georgius Thilo.
- LIVY. *Ab urbe condita libri I*. E. Page, E. Capps, W. Rouse (eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- MOATTI, Claudia. Cicero's Philosophical Writing In Its Intellectual Context. *The Cambridge Companion To Cicero's Philosophy*, 2021.
- MORCILLO, Marta García; Richardson, James H.; Santangelo, Federico (ed.). *Ruin or Renewal? Places and the Transformation of Memory in the City of Rome*. Roma: Edizioni Quasar, 2016.
- MÜLLER, Valentine. The Shrine of Janus Geminus in Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 47, n. 4, p. 437-440, 1943.
- O'KEEFE, Megan. *The significance of Janus during the Augustan principate*. 2021. Tese de Doutorado.
- OVÍDIO. *Fastos*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- OVÍDIO. *Metamorphoses*. E. Page, E. Capps, W. Rouse (eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1958.
- PREDEBON, Aristóteles. *Edição do manuscrito e estudo das Metamorfoses de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire*. Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras Clássicas da USP. São Paulo, 2006.
- PROCOPIUS. *History of the wars III*. Trad. H. B. Dewing. The Loeb classical edition. 1919.
- RÜPKE, J. Dealing with Ethnic Diversity. In.: Mcinerney (org.) *A companion to ethnicity in the ancient Mediterranean*. Oxford: Willey Blackwell, 2014.
- SÁNCHEZ, Kattia Chinchilla. Jano: El dios de los inicios y el dios de las puertas. *Revista de filología y lingüística de la Universidad de Costa Rica*, v. 26, n. 1, p. 227-241, 2000.

TAYLOR, Rabun. Watching the skies: Janus, auspication, and the shrine in the Roman Forum. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 45, p. 1-40, 2000.

TORTORICI, Edoardo. *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. Vol. 3. Roma: Edizioni Quazar, 1996. p. 416.

VARRO. *On the Latin Language*. E. Page, E. Capps, W. Rouse (eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1938.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Luis Cerqueira. Cristina Guerreiro, Ana Alves, Lisboa, Bertrand, 2011.

WISEMAN, T. Popular Memory. In.: GALINKSY, Karl. *Memoria Romana. Memory in Rome and Rome in memory*. Memoirs of the American Academy in Rome. Supplementary Volume X. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2014.